



AUTORIZAÇÕES PARA A CIRCULAÇÃO FEMININA NA REVISTA *CARETA*: EDUCAÇÃO PARA A VIDA URBANA

PERMITS FOR OUTSTANDING WOMEN IN REVIEW *CARETA*: EDUCATION FOR URBAN LIFE

Fernanda C. Costa Frazão*

Resumo: Esta é uma análise de perspectiva histórica dos discursos sobre educação das mulheres na revista *Careta* (1908-1960), periódico da grande imprensa editado no Rio de Janeiro, que fazia circular, dentre os seus enunciados – textos, fotografias, charges – discursos para uma adequação das mulheres ao contexto urbano, de critérios civilizatórios e burgueses. O recorte temporal, 1914 a 1918, faz referência às situações políticas do governo de Wenceslão Braz e da Primeira Guerra Mundial: o critério é o silêncio feminino na negação da participação das mulheres nessas instituições. Constatou-se que, estabelecidas relações de poder e força entre gêneros, as determinações de enquadramento para as mulheres eram violentas: havia uma discrepância nessas relações, na distinção social naturalizada para as mulheres, que as relegava à sombra do mundo masculino. Observados os jogos de força que se estabeleciam nessas relações, leva-se em conta o poder em ação nos corpos, o que ocasionava, por vezes, a resistência como forma de enfrentamento das mulheres em situar unicamente no lugar privado que lhes havia sido dado.

Palavras-chave: História da educação feminina. Revista *Careta*. Educação para a vida urbana.

Abstract: This is a historical perspective of discourse analysis on education of women in Grimace magazine (1908-1960), journal of the mainstream media published in Rio de Janeiro, which was circular, among its statements - texts, photographs, cartoons - for speeches adequacy of women to the urban context of civilizational and bourgeois criteria. The time frame (1914-1918) refers to government policy situations WenceslaoBraz and the First World War: the criterion is the female silence in the denial of women's participation in these institutions. Notes that established relations of power and strength gender, framing determinations for women were sometimes violent as that promoted a considerable discrepancy in these relations, social distinction naturalized for women, that relegated the shadow of the male world. Considering the power games that were established in these relationships, it takes into account the power at work in the bodies, which led to sometimes resistance as an attempt to confront women in place only in the private place that had been given to them.

Keywords: History of women's education. Magazine *Careta*. Education for urban life.

* Licenciada em Filosofia. Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei.



A Revista *Careta*, as mulheres e as orientações para a vida urbana

Tratar o tema da educação feminina nas publicações da *Careta*, incentivou a análise da instrução dispensada às mulheres como normas estabelecidas para o gênero nas páginas da revista. Numa perspectiva foucaultiana, o jogo de forças, percebido entre a conduta feminina e a proposta de um padrão para tal, provocou pensar nas configurações e implicações educacionais para as mulheres no período aqui analisado, principalmente no que diz respeito às regras de comportamento para atuação nos então emergentes¹ centros urbanos.

A revista em questão, a *Careta*, teve edições semanais entre os anos de 1908 e 1960 impressas na cidade do Rio de Janeiro e distribuídas em todo o país. O periódico anunciava valor para assinaturas fora do Rio de Janeiro no seu expediente, além de publicar fotografias de leitores de outras cidades e estados. A título de situar esta pesquisa em relação à consulta da fonte, os números foram encontrados no IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais. No arquivo, há números das décadas de 1910 e 1920, mas em maior quantidade entre os anos de 1914 e 1918, coincidindo com o período da I Guerra Mundial. No total foram localizadas 173 revistas² para esse período, que lidas e fichadas, forneceram matéria para a dissertação “A revista *Careta* e a educação feminina: uma dispersão discursiva para normalização feminina no contexto urbano (1914-1918)”, da qual faz parte este estudo.

A *Careta* é uma revista de variedades, de editoriais quase sempre relacionados à política e questões de ordem social. Com característica de ser humorística, é também uma revista do gênero ilustrada, tanto pela apresentação de charges quanto pelas fotografias. Divulgava fatos políticos

¹Sevcenko (2006, p. 650), em nota de seu texto aponta um quadro sobre as principais capitais brasileiras e seu número de habitantes entre o fim do século XIX e início do XX. No período que compreende os anos de 1872 a 1920, o Rio de Janeiro dá um salto de 274.972 habitantes para 1.157.873 em 1920. Dessa forma, considera-se emergente por ajuntar tal número de pessoas num centro urbano em relativo curto espaço de tempo.

² Não foi possível um levantamento em série, e apesar da falta de alguns exemplares, as amostras foram satisfatórias para o que se propôs. Para 1914, 47 revistas, 50 para 1915, 12 para 1916, 52 para 1917 e 12 para 1918, no total de 173 revistas.



e sociais, nacionais e internacionais, sobre personalidades, curiosidades, propagandas, cultura, artes. Os conteúdos oscilavam entre a informação e a crítica e o sarcasmo, ou os conciliavam.

O caminho para delimitar o tratamento dado ao feminino foi observar como eram tratadas em relação à figura masculina, os espaços que compartilhavam e os que não compartilhavam. Naquele contexto, conforme apresentado na *Careta*, quando se tratava de política, negócios, guerra, ou seja, de assuntos ligados à esfera econômica e de administração pública, a presença feminina não é significativa, ela estava à parte desses universos, até então marcadamente masculinos.

Conforme leitura feita da revista *Careta* no recorte de 1914 a 1918, as mulheres estavam presentes principalmente nos ambientes sociais e familiares, na divulgação de projetos filantrópicos, às portas das igrejas, nas notícias relacionadas à instrução pública, como professoras ou como meninas que iam à escola, na publicação dos feitos artísticos e como alvo de anunciantes na divulgação de produtos destinados ao universo dito feminino.

A diferença de ambientes entre o masculino e o feminino chama a atenção – em que pese a parcialidade desta proposição – para a realidade vivida pelas mulheres, principalmente as da burguesia, para as quais foi estabelecido um lugar mais de passividade, em que os discursos de relevância social – de comportamento, moral, médico, de legislação, religioso – eram proferidos basicamente pelos homens.

Aos homens caberia enfrentar a competitividade do mundo público, enquanto as mulheres deveriam continuar voltadas para o privado, tendo na maternidade o ponto definidor da feminilidade. Dessa forma, apesar da defesa de um novo protótipo de feminilidade baseado na figura da mulher moderna e esclarecida, manter-se-ia o pressuposto da maternidade como base da feminilidade (MATOS, 2003, p.123).

Assim, eram destinadas às mulheres, em grande parte, funções e atividades domésticas ou no âmbito do lar. A escassa escolarização e o baixíssimo – quase nulo – ingresso em carreiras de cursos superiores sugerem essa consideração. Mesmo a escolarização a que têm acesso as meninas, era para educar para o casamento, para os cuidados com o lar (BELTRÃO; ALVES,



2009), ou como uma opção evidenciada a partir da Primeira República Brasileira, de seu ingresso nas Escolas Normais, principalmente para o atendimento ao ensino primário.

O teor das publicações da *Careta* aponta para uma postura propagadora e mantenedora da situação estabelecida para as mulheres, numa ordem burguesa, a que se adequavam as elites das populações urbanas. Como exemplo, podemos tomar a vigilância e julgamento em relação à saída das mulheres desacompanhadas. Até mesmo juristas intervinham, fazendo restrições sobre mulheres honestas saírem à sós. Já as mulheres pobres não se enquadravam nessa recomendação, pois precisavam comparecer ao emprego ou ir à procura de um trabalho (SOIHET, 1997).

No texto a seguir, pode ser observada uma transição sobre essa questão. A prescrição para que as mulheres saíssem sempre acompanhadas pode ser observada no cotidiano do período, e até justificada pelo homem. Porém, percebe-se uma reformulação que se coloca como uma nova realidade de permissões à circulação das mulheres, conforme elas consigam reagir às ameaças enfrentadas nesses espaços.

Moda original

Não há muitos dias, segundo a justa apreciação dos jornaes, uma distincta senhora lançou em público uma original moda que será de grande utilidade à moral da cidade se a maioria das senhoras que vêm às compras³ adoptar o modelo tal qual foi lançado.

É o caso que um individuo qualquer, como tanto moço bonito que por ahi anda, vendo aquela senhora parada à espera de seu bonde, verificou previamente se ella não estava acompanhada, com alguém ao lado para a defender, e uma vez satisfeito com o exame, que o satisfez, iniciou uma série de graçolas e dictos picantes convencido de que assim ia *conquistal-a*.

A senhora, porém, sentindo-se offendida, lembrou-se que tinha uma mão e cinco dedos, resolvendo castigar o insolente com os recursos que no momento dispunha.

E deu então no descarado um tal sopapo que lhe estragou as bitaculas, sendo apenas lamentável não ter ella na ocasião um instrumento qualquer, porque assim evitaria de sujar a mão na cara do porco.

³ Esta referência às mulheres que poderiam estar nas ruas sozinhas, por motivo de compras, pode abranger empregadas em compras para as patroas, o que parece pouco indicado no texto, sendo mais possível que ele venha reforçar uma relação mais naturalizada da publicação com as mulheres burguesas, uma vez o poder aquisitivo ajuda a delimitar a camada social.



Se a moda, tão bem lançada, pegar de facto, será caso de uma apotheose ao sexo frágil... (*CARETA*, 17/08/1918, p. 8).

Ao indicar a ação da senhora como uma *moda* que, se difundida, pode ser tomada como um ponto alto para as mulheres, o texto parece se referir ao movimento, do deslocamento mesmo de uma situação que defendia a necessidade do amparo masculino para a inevitável independência delas, ao menos em situações desse teor: da circulação delas. Assim, pode-se pensar no comentário da *Careta* como apoio à reação da mulher da história, como que lhe dando aval para sua circulação, ou simplesmente aderindo a uma realidade já irreversível, entretanto, tentando interferir ainda através da instrução de como se defender e se resguardar.

Desse modo, ressaltado o aspecto do cuidado com a moral, indicado como de “grande utilidade” no início do texto citado da *Careta*, pode-se entender a situação como um alerta e instrução para as mulheres, que sob nova ordem, da aceitação de novos hábitos, impostos principalmente pelo convívio nos centros urbanos, estariam também numa maior exposição em lugares públicos. E como a vulnerabilidade delas implicava diretamente na vulnerabilidade dos maridos e das instituições em geral, que tratavam dos discursos para a melhor adequação e conformação feminina na sociedade, era estratégico reforçar uma atitude, como a da senhora da história, visto que se tratavam de *moços bonitos* os que andavam pela cidade, a galantear senhoras e senhoritas.

Ainda se levada em conta a pouca capacidade de julgamento atribuída, por vezes, às mulheres na *Careta*, elas seriam alvos daquelas graçolas, o que se considera pela vaidade feminina divulgada na revista, e que poderia ser atingida com um episódio desse teor.

Outra regulamentação a respeito do comportamento feminino, sobre como deveriam se portar em locais públicos, está num texto que, apesar de extenso, é necessário citá-lo na íntegra por conter indícios significativos do discurso para a conduta feminina:

Pelo bom tom



Uma pequenina phrase, dicta em voz alta por certa mocinha gentil, sabbado passado na ALVEAR, justamente no momento em que eu tomava lugar numa mesa ao lado da que occupava o galante grupo em que a bem vestida donzella se achava – muito pequenina em verdade a phrase! – vibrou com tal vigor no ambiente, que pouco depois todo o meu pensamento em torno della girava, minhas ideias também...

A senhorita dissera simplesmente: “Os elegantes têm a mania de não levar a serio o que é bom”. Mais coisas disse ella, fez mesmo gestos mais bonitos do que quando aquella phrase proferiu... Mas a phrase, aquella phrase!... Em primeiro lugar entendo que uma moça, por mais expansiva que seja, nunca deve gritar em demasia quando se encontra com as amiguinhas em qualquer centro mundano e muito menos povoar de gestos alguns metros do largo espaço que a sombra de sua “silhouette” cobre. Aquellas que assim procedem, querendo tornar-se encantadoras, esquecem ser a graça subtil, discreta, natural – e revelam, sem o saber, muitos dos defeitos que ellas jamais confessariam se na ocasião não estivessem exclusivamente preocupadas em produzir “melhor efeito” que as outras. Ninguém nega que o maior encanto da mulher está na graça de seu todo; mas a graça em exaggero degenera em caricatura... Imagine-se agora uma mulher servindo de modelo ao ridículo!... É uma bruxa perfeita!... Porque se expressará tão bella senhorita daquella maneira?... “Levar a serio o que é bom!” Pois expressou-se mal, muito mal mesmo! Uma moça verdadeiramente elegante mede o que diz para ter poderio, pois que ella em verdade se faz rainha e deusa ante o próprio espelho, que indubitavelmente é o único altar de seu toucador. Rir alto é salutar, mas falar como pensa, falar em tom suave, em surdina quasi, de modo que impressione, aos ouvidos, aos olhos; provoque mesmo os lábios, desperte o desejo; mas de leve, com voz clara, timbre certo, gestos amenos, que a sua imagem, gravando-se imperceptivelmente na memória de todos que a ouvirem, por elles elegida, terá em cada salão um throno na cadeira que occupar. A vivacidade excessiva desnorteia, pois desloca a mulher no conjunto harmonioso de suas linhas, dá-lhe um ar viril, abruptalhado, quando ella pelos próprios tecidos que veste exige brandura, tudo o que é macio, o bello sempre novo de uma adolescência perenne. Eis porque as velhas rabugentas ou solteironas, não podendo voltar a ser creanças, ficam brutaes como os homens!... Compreendí no entretanto o sentido que a mocinha da ALVEAR queria dar à sua phrase. Mas foi infeliz, repito... Não somente os elegantes deixam de levar a serio o que é bom, visto ninguém de nos levar... simplesmente porque o que é bom se come e o resto põe-se fora, caroço ou casca; faz-se com elle o que a mocinha o não faria com o seu modo de ser “encantadora” se fosse um pouquinho mais baixo. Mario de Haristal (*CARETA*, 19/01/1918 p.33).

O autor, partindo da situação que presenciara, teceu longa apreciação acerca das mulheres, o que esperava da presença e do modo delas se expressarem, num contexto dito e considerado elegante. O exame é pontual, e as prescrições claras. Para tal, analisa os gestos,



movimento, expansão, timbre da voz, expressão e esmiúça toda a postura corporal e a repercussão dessa manifestação, de como ela lhe pareceu. Ele se coloca como um homem que sabe o lugar que as mulheres devem ocupar nos espaços públicos.

A crítica se inicia pelo que ela fala, dando sua opinião acerca dos elegantes, “de não levarem a sério o que é bom”. Mas o que teria essa fala de tão perturbadora, assim como é descrita no texto? A opinião do autor deixa claro o modo como ele interpretava manifestações femininas em meios sociais, pois sobre o conteúdo da fala diz ponderar sua relevância. Ele diz considerar que seja necessário estabelecer limite, à qual a moça parece extrapolar ao emitir uma crítica aos elegantes.

Ainda pode ser observado que a moça expressa um conhecimento, uma proposição que não era apropriado às *donzellas*: de emitir sua opinião sobre o que é bom, julgando não o saberem os próprios elegantes. Pode-se considerar o que diz Perrot (2003, p.16) acerca da sexualidade feminina, ajustado nesse caso à manifestação feminina em público: “o prazer feminino é negado, até mesmo reprovado: coisa de prostitutas”. Se a fala da *mocinha gentil* ressoou nas ideias do cronista, sendo ao final admitida como compreensível mas ainda assim intolerável, pressupõe-se que o problema parece ser relativo à opinião ser emitida por uma mulher. “Uma moça verdadeiramente elegante *mede o que diz* para ter poderio, pois que ella em verdade se faz rainha e deusa *ante o próprio espelho*” (CARETA, 19/01/1918, p. 33, grifo meu).

Fica assim sugerido que as mulheres deveriam guardar suas ideias para si mesmas e, se ditas, que fossem *quase em surdina*, de modo a não chamar atenção. Assim, com a prática feminina de uma alta sensatez, que seria comprovada na resignação da fala, ficava a promessa de vir a ocupar um trono na sociedade.

Sobre a relação das mulheres com o espaço que seus corpos ocupavam e suas formas possíveis de expressão, as avaliações foram taxativas e explícitas. Entende-se que, para cada meio social, há elaborações indicando o modo mais conveniente para agir. O colunista dá indícios de que as mulheres estavam cercadas por convenções construídas na noção do controle de certos movimentos e gestos, consideração que é preciso desnaturalizar para elaborar análise. Pode-se pensar na criação de uma configuração social, construída de relações que propunham colocar as



mulheres num papel que condicionava as experiências delas às dos homens. Afinal, era de onde vinham essas prescrições, das instituições cujos discursos tinham seus saberes formulados no patriarcado. “Saber agradar deve ser a arte da mulher⁴” (*CARETA*, 07/04/1917, p. 25).

O texto “Pelo bom tom”, ao abordar a vivacidade excessiva nas mulheres como algo que as desnorteava, acaba por defender a regulamentação de um comportamento mais estático para elas. Isto pode ser percebido claramente quando se lê a definição de que “uma moça, por mais expansiva que seja, nunca deve (...) povoar de gestos alguns metros do largo espaço que a sombra de sua ‘silhouette’ cobre” (*CARETA*, 19/01/1918 p. 33). Aqui, pode-se pensar na intenção de um modo específico de interação social para as mulheres, principalmente no caso das moças, – que são diretamente referenciadas nesse texto da *Careta* – por um cuidado para que não se perdessem os propósitos da boa conduta moral, principalmente aqueles relacionados à sexualidade, sendo que “as restrições eram mais acentuadas para a mulher, vista como um mero receptáculo da vivência erótica e sexual masculina” (MATOS, 2003, p. 117).

A ideia de um corpo dócil é a definição que se pondera neste estudo, para a análise da adequação pretendida para as mulheres a partir da consideração emitida por Mario de Haristal (*CARETA*, 19/01/1918 p.33). O conceito de Foucault sobre o poder e suas técnicas de dominação nas relações se faz pertinente:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos (FOUCAULT, 2010, p. 133).

Com isso, delimita-se uma ação da disciplina, de produzir corpos dóceis, que, como parte das relações de poder, – e a disciplina na formação do corpo dócil é referente às relações e jogos de poder- estabelece níveis de dominação, que para o caso das restrições ao corpo feminino,

⁴Este trecho foi retirado de um texto referente à idade das mulheres, em que se discute também a questão da beleza das mesmas e a relação destes dois itens com o casamento. A frase é uma conclusão acerca do que importava no comportamento geral das mulheres: “Saber agradar deve ser a arte da mulher” (*CARETA*, 07/04/1917, p.25).



manifesta-se em regras para a elegância social. Assim, os limites propostos para os gestos femininos na *Careta* atendem a uma *política de coerções* na medida em que articula os elementos do ambiente propício às mulheres.

No contexto da *Careta* em relação à educação das mulheres, a disciplina se apresenta como definidora de ações e comportamentos. Ela “aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 2010, p. 133-4). Na medida em que é estabelecido um padrão de comportamento para as mulheres, através dos enunciados da revista, o corpo feminino se apresenta como uma chave para a análise das relações de poder entre gêneros.

O corpo feminino é condicionado de tal forma a produzir os efeitos desejáveis, como uma proposta de reunir as forças nele contidas em prol de determinadas ações. Isso se evidencia no estabelecimento de regras ditadas pela *Careta*: as mulheres deveriam trazer no corpo e nos gestos toda a expressão de suas experiências, mas que eles fossem regulados pela discricção, num aumento de forças correspondentes à sua utilidade social, de uma existência mais passiva. O que pode parecer um antagonismo, aumentar as forças para diminuí-las, nada mais é que “um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto” (FOUCAULT, 2010, p. 147). Vale lembrar aqui o esmiuçar da apresentação da jovem feita na coluna *Pelo bom tom* (*CARETA*, 19/01/1918 p.33).

Assim, a disciplina dirige as forças que interessam ao jogo de poder estabelecido, aumentando-as, gerando os efeitos desejados: um corpo dócil, obediente, controlado. Essas relações estabelecidas para o feminino tornam a dimensão corporal mais relevante e, dessa forma, leva-se em conta os discursos e mecanismos para melhor conformação do corpo, pela ótica da mecânica do poder. Em estudo desta temática, Vago (2010, p. 94) faz a seguinte observação:

Investimentos para enfrentar e conter o perigo que o corpo, se deixado “livre”, representava. Então, seria necessário prescrever códigos de comportamento, homogeneizar condutas morais: adestrar, regular, domesticar, controlar os instintos, enfim, domar e civilizar a carne. De outro modo, os sentimentos torpes, os excessos, os pecados, a perdição.



A *Careta*, como veículo de discursos quase sempre para a conformação feminina, traz sempre o tom didático a que se propunha a imprensa, de servir como adutor de normas de configuração social. “O dever da mulher é ser bella, meiga, boa; o nosso, ampara-la, defendel-a. O amor é forma ideal, única aceitavel, de captiveiro na terra: servidão que se espiritualisa, humildade que se converte em orgulho (...)” (*CARETA*, 16/05/1914, p. 26). O que é ressaltado são as mulheres em suas relações estabelecidas no nível corporal, e os discursos -em sua maioria de cunho normativo- provocados a partir daí, visitados na literatura sobre a temática:

Quais são os fundamentos, as raízes do silêncio acerca do corpo da mulher? Trata-se de um silêncio de longa duração, inscrito na construção do pensamento simbólico da diferença entre os sexos, mas reforçado ao longo do tempo pelo discurso médico ou político (PERROT, 2003, p. 20).

A esse respeito, a mesma autora acrescenta que, justamente “a partir do período 1900-1920, as mulheres se atrevem a outro discurso acerca do corpo feminino” (PERROT, 2003, p. 24), o que configura, ao menos em partes, a confirmação da importância do recorte temporal deste trabalho como um momento de transição para novas posturas nas relações de gênero. Interessa discutir como os discursos para a abordagem do corpo feminino, no sentido do trânsito delas pela sociedade, são uma resposta de aceitação ou não ao que lhes era designado, estabelecido. “Disputas no corpo. Disputas pelo corpo. Direito ao corpo. Com efeito, o corpo humano no centro de tudo o que foi, e é, expressão de histórias... humanas” (VAGO, 2010, p. 95).

Sobre a disciplina e as propostas de sua aplicação sobre os indivíduos, pode-se ainda indicar seu funcionamento de acordo com a distribuição do poder. “Poder que é em aparência ainda menos ‘corporal’ por ser mais sabiamente ‘físico’” (FOUCAULT, 2010, p. 171), ou seja, é o mínimo perceptível, não se apresenta de forma física, mas interfere diretamente na física dos corpos. É uma forma de colocá-los onde seja mais útil, sem causar, no entanto, uma percepção clara do processo e resultado. “A disciplina faz funcionar um poder relacional que se autosustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações, pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados” (FOUCAULT, 2010, p. 170).



Para uma última indicação acerca da disciplina, é importante ressaltar as divisões que partem da sanção normalizadora, que, por meio de classificações, pretende combinar-se e cumprir de “marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar. A disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares; pune rebaixando e degradando” (FOUCAULT, 2010, p. 174).

É recorrente, no discurso da *Careta*, a indicação de tipos indesejados para os meios sociais. Aparentemente, nas relações sociais descritas e relacionadas na revista, os critérios para entrada em um grupo social, ou a um pertencimento moral, requeriam passar pelo julgamento de cunho institucional, combinado com critérios dos discursos. Em outra coluna “Pelo bom tom”, em que se comenta a figura de “Madame Moda”, uma artista que é assim apresentada por Mario de Haristal, que diz ter escrito o texto a partir de um encontro casual com tal mulher:

Mas sua alma, dominada pela arte, seu corpo educado nos êxtases artificiais dos palcos, revoltavam-se contra ella, contra a pureza de seu sentimento e impunham-lhe, mesmo nos trágicos esgares do amante moribundo, a pose e os gestos estudados da artista. Ella já se dirigia ao automóvel e antes de pôr o pé no estribo do carro, lançou um olhar em torno para ver se estava sendo apreciada, detendo-se para arregaçar o vestido de modo que as suas finas meias de seda servissem de thema à palestra dos que ficavam. Madame Moda poderá ser uma razoável mãe de família? Impossível! Talvez ame, seja muito caprichosa, mas tal qual Faustina nunca terá forças para construir um lar. Madame Moda nasceu para posar simplesmente; é a deusa da plástica, a senhora do artifício, jamais a mulher. Mario de Haristal (*CARETA*, 01/12/1917, p.27).

A exclusão das mulheres do tipo descrito do *universo feminino*, segundo a *Careta*, traz novamente a ideia de que a mulher só o será com competência, se cumprir seu papel na família. Com isso, as mulheres se diferenciam, e algumas jamais alcançariam o que se estabelecia como padrão. Segundo o texto, essas, ficando sem um marido, estavam à disposição dos olhares, pois se constituíam em *deusas da plástica, senhoras do artifício*. Seriam mulheres de todos e de ninguém.

Sobre a vaidade feminina, relacionada principalmente à plástica do corpo feminino, a leitura da *Careta* faz pensar no modo como as mulheres eram apresentadas, conforme um pertencimento a uma determinada moral.



Ainda chamam a atenção os imperativos da moda feminina, amplamente apresentados na *Careta*, em discussões que se davam, basicamente, em torno de temáticas como a elegância e a decência. Para tanto, o modo como se vestiam as mulheres, mas não somente elas, era uma forma de distinção social e moral perante a sociedade do início do século XX. Apesar de haver indícios de que, também os homens teriam regulamentações sobre seu modo de vestir, para as mulheres, isso parecia vir acrescido de mais critérios que podem ser entendidos como mecanismos para sua conformação social.

Com vistas à grande exposição a que as mulheres estavam submetidas nos centros urbanos, como o Rio de Janeiro, e conforme se considerava o corpo delas como objeto para o tratamento e conformação educacional para a vida urbana, observam-se enunciados na *Careta* com tal teor. Nesse propósito, as regulamentações são diversas, como a expressão corporal das mulheres, que era sustentado por um discurso que visava a disciplinar e regular sua atuação social. Nesse sentido, enunciados relativos à moda feminina são constantes na revista, num sentido da melhor forma da apresentação, sendo exigido não só elegância, mas decência.

O aspecto da beleza feminina, reforçado pela moda, tem dimensão considerável no que diz respeito aos discursos voltados para as mulheres, sendo um apelo constante aos valores apreciados como vigentes às mulheres burguesas nas relações de gênero.

As cousas que mais interessam as mulheres, depois dos casos íntimos, entre os quaes o marido e os filhos, ou o noivo, são incontestavelmente, as modas. É fácil concluir e compreender que interessando as mulheres, as modas interessam os homens e, por intermédio d'aquellas, pesando no destino dos homens, pensam no destino dos povos (*CARETA*, 07/03/1914, p. 18).

O texto parece propor que a moda garante às mulheres uma participação *política* e social através do modo como se vestem. Mais uma vez, essa colocação para as relações de gênero sugere uma aparição social feminina vinculada à beleza, alegadamente a vertente mais considerada pelo discurso masculino. Há nessa consideração um efeito de verdade que também ganha força nos discursos das mulheres. Isso pode ser notado, por exemplo, na máxima veiculada na *Careta*, com assinatura de uma mulher: “Ellas, as mulheres, acariciam a moda, porque lhes dá



cada mez uma nova juventude. Mme. De Puisieux” (CARETA, 08/09/1917, p. 11). A beleza estava atrelada à juventude⁵, não sendo consideradas todas as jovens bonitas, mas passada a idade, era como se perdessem essa possibilidade. Portanto, através da moda, as mulheres poderiam garantir que os atributos expostos nos enunciados, como mais essenciais a elas, fossem conquistados.

Mas a moda, como forma de conformar as mulheres, no sentido moral, é também uma vertente a ser mais explorada, por conter enunciados que as chamavam a adquirir postura refinada pelas elaborações de hábitos para o bom comportamento, para uma boa postura. Considerava-se ainda que “a moda é a escravidão dos povos civilizados” (CARETA, 10/11/1917, p. 12).

Assim, em editorial da edição 332, intitulado “O feminismo”⁶, Leal de Souza escreve sobre feminismo e sufrágio, num texto que era parte de uma conferência proferida por ele sobre Poetisas. Seu texto ressalta a associação da moda com o comportamento feminino, dentre outras considerações acerca das relações entre gêneros:

Em todas as profissões, o homem soffre a concorrência d’aquella a quem dera, com a magnanimidade ingênua de um macaco hypnotizado, uma costella desnecessária. Os hábitos liberais invadem os lares. As modas, que depois das eras pagãs, pelo decorrer dilatado de séculos, visavam, disciplinando o luxo, occultar defeitos, propendem agora a patentear encantos. Reflectindo nos seus avanços as tendências masculinas do suffragismo, os vestuários oscilam entre os arrojados da extravagância e as reacções do bom gosto. As innovações mais audazes, alvejam significativamente a saia, da qual há quem pense na inteira substituição. Para reaprumar os corpos inesteticamente accurvados pelo *colletedevant-droit*, creou-se a *jupe-entravée*. As guerras balticas, pondo em evidencia os usos do oriente europeu, motivaram o apparecimento da *jupecullote*, cuja vitoria, influindo na psychologia feminina, poderia determinar imprevistas modificações na ordem social. Originaria dessa tentativa, a insinuante *jupe-fendüe* adquire os fofos pannejamentos impostos pelos apertos dos alfaiates, mas insubsistentes, por contrariarem os irrevogáveis pontos de vista do nosso tempo. O surpreendente êxito obtido pelas danças plebéias affeiçoadas à decência dos salões pelo gênio sagaz de Paris, comprova a

⁵ “(...) si é verdade, como dizem, que as feias nunca tiveram mocidade, porque nos preocupamos tanto com a idade? Sempre será mais nova a mulher mais bella” (CARETA, 07/04/1917, p. 25).

⁶ A expressão “feminismo” era usada na *Careta*, no período desta investigação já numa conotação de reivindicação de direitos femininos em igualdade aos masculinos. Em nota “Entre amigas – sobre o feminismo” lê-se o diálogo: “- Não tens interesse em que melhore a situação do nosso sexo?..-Não. Não preciso encomodar-me uma vez que os homens se preocupam comnosco”(CARETA, 07/03/1914,p.14), e ainda é mencionada “A antiguidade do feminismo” sob a informação de que, “no século XIII [houve] um movimento para a igualdade dos sexos... pediam voto e concorrência a cargos públicos” (CARETA, 04/08/1917, p. 16).



extensão dos direitos reivindicados. Os abusos do suffragismo representam os eversivos excessos peculiares a qualquer movimento libertário. Este acabará na plena igualdade jurídica e política dos sexos; à luz de uma nova moral, amplificando o divórcio, poderá reduzir o casamento perpetuo a uma aliança, de duração regulada pela existência dos sentimentos que a fecundaram, mas não creio que destrua a beleza. Leal de Souza (*CARETA*, 31/10/1914, p.7).

A regulamentação sobre a moda feminina e o apelo moral a ela vinculado parece pretender atingir a vida prática das mulheres, e parece até almejar um efeito de retaliação sobre os rumos tomados pela sociedade do seu tempo, em relação ao modo de vestir das mulheres. No texto, o autor estabelece uma relação direta de crítica entre o comportamento das mulheres e o vestuário, dito extravagante e audaz, que quebra regras, como o desafio de usar calças, por exemplo. Segundo Souza (1987), em *O Espírito das Roupas*, o vestuário desconfortável foi considerado como distinção social na medida em que sinalizava que o indivíduo não se preocupava com os trabalhos manuais. “O problema da mobilidade foi, talvez, o que se levou mais tempo para resolver. A história do costume mostra que a evolução foi feita da imobilidade para a mobilidade crescente, o corpo evoluindo do bloco total para a libertação dos membros” (SOUZA, 1987, p.44). Portanto, pode-se perceber que a mudança ressaltada por Leal de Souza associa a mudança do vestuário delas a novos comportamentos, como em relação ao casamento, ao sufrágio feminino, a modificações na ordem social. A questão da mobilidade, iniciada no século XIX, ressaltada por Souza (1987), acaba por ser ainda mais marcante nas primeiras décadas do século XX.

A saia-calção ou jupe-cullote, por exemplo, foi uma peça inaugurada “oficialmente” no Brasil em 1911, chamada pela *Careta* de saias entravadas. Na edição de 18 de março desse ano, a revista publicou fotos da saída de duas mulheres às ruas do Rio de Janeiro, o que causou imenso alvoroço e curiosidade pela novidade. Sobre essa peça, parecia ainda dominar um discurso contrário no caso da *Careta*, no sentido dela permanecer ainda como objeto de crítica. A revista parece, de alguma forma, reconhecer que aquela seria uma mudança no vestuário das mulheres, independente da opinião contrária de parte do discurso preocupado com tal alteração.



Ainda nessa relação entre corpo feminino e moda, percebe-se a classificação do comportamento feminino como promíscuo quando se trata de mostrar parte do corpo. Assim, o valor da mulher era evidenciado em associação ao corpo. A *Careta* atribuía às mulheres uma incapacidade de participação política, oferecendo o recurso do corpo para aquelas que ainda assim insistissem em entrar na esfera pública. E assim foi apresentada a atuação de uma *revolucionária* pela revista:

O prestígio feminino, por mais esforços que as mulheres façam em defesa dos direitos equivalentes aos dos homens para o seu sexo, hão de ser sempre o que foram e são, destacando-se entre ellas mesmo quando pregam as suas ideias, não as que produzem os melhores argumentos ou que improvisem as mais lindas frases, mas as que tenham os corpos mais perfeitos e a beleza mais notada... Belém de Sarraga, aquella terrível revolucionária que andou pelo Brasil... era um sucesso... quando subia à tribuna popular, procurava com habilidade collocar-se de maneira que o seu lindo par de roliças pernas ficasse em plena exposição sobre a tribuna (*CARETA*, 04/08/1917, p.20).

No mesmo sentido, porém numa outra conotação, um texto bem ao modo da *Careta* é destacado a seguir. “Chronica Parlamentar”⁷ trouxe a descrição de uma sessão parlamentar fictícia com data de 12 de agosto de 2014, portanto uma previsão sobre o futuro da política. Primeiramente, a presidência da sessão é por uma mulher, e outras aparecem como deputadas⁸. O assunto discutido é sobre a peça feminina mencionada acima, a saia-calção, em que é anunciada a decisão da imperatriz slava, cujo governo poderoso acabava de “baixar uma ordem do dia proibindo o uso da saia-calção nos seus domínios”, e completa a deputada Sra. Noemia do Nascimento: “Como sabeis, há mais de meio século os povos civilizados usavam a saia-calção e se preparavam para chegar a um novo estadio de aperfeiçoamento. Surge agora essa ordem do dia brutal”. Após o breve protesto da deputada, a presidente da sessão retomou a palavra, dando a ordem complementar à primeira: “A imperatriz slava prohibio a saia-calção mas tornou obrigatório o uso do calção sem a saia”, ao que completou a Sra. Noemia: “Nesse caso Sra.

⁷Este foi o título de alguns textos da *Careta*, dentre os números analisados, que traziam algumas descrições de possíveis casos políticos em que há mulheres da época, ou previsões para o futuro, sempre de modo irônico e sarcástico.

⁸ É interessante fazer a leitura dessa proposição da *Careta* quase um século após a publicação do número da revista, em que, salvo o tom caricatural da mesma, a realidade política realmente conta com mulheres líderes, inclusive na presidência da República.



Presidenta, na primeira sessão apresentarei um projecto de lei mandando erigir a estatua de ouro da imperatriz slava no alto do corcovado⁹” (*CARETA*, 12/08/1914, p.35).

Percebe-se neste discurso da *Careta* que, apesar de satírico e cheio de humor, associa-se de alguma forma a alteração do vestuário feminino em concordância a outra realidade, qual seja a da participação social e política feminina. Mesmo que, como sátira, ironia ou caricatura da realidade, a palavra usada para se referir à mudança do comportamento feminino é de aperfeiçoamento, mostrando certa descontinuidade no discurso da revista. Talvez isso seja demonstração de um embate de forças difusas, em que as mudanças para as mulheres já aconteciam, e não havia como ignorá-las¹⁰, ao passo que alguns discursos eram dominados pelas normas ainda vigentes. Como todo processo histórico demanda seu tempo para acomodar certas mudanças, é compreensível que um veículo da imprensa como a *Careta* se mostre, por vezes, ambíguo, como no caso da postura em relação às mulheres.

Considerações

A proposta deste trabalho foi a de analisar discursos para a educação das mulheres no Brasil, através dos enunciados propostos pela revista *Careta*. O quadro que se delimitou pode ser considerado por vezes antagônico, mas na verdade é plural. E o que se pretendeu apontar é, justamente, a diversidade dinâmica contida no universo feminino e o modo como os discursos institucionais tentavam dar conta dessa pluralidade em movimento; estabeleciam papéis sociais e seus limites, na medida em que detinham o controle das instituições produtoras de saberes, reforçando as condutas adequadas ao ponto de vista masculino e tentando enfraquecer o seu contrário. Nisso é que se considera a educação das mulheres tratada na *Careta*, pela proposta de adequação às situações do meio urbano, no sentido de incentivar uma organização social, em que deveriam estar contidas as várias categorias para as mulheres. Sim, a pluralidade é aceita, e em

⁹ O Cristo, no alto do Corcovado foi inaugurado em 12 de outubro de 1931, portanto, posterior ao texto da *Careta*.

¹⁰ Como supõe-se que nunca o foi, em nenhum outro período histórico – cada qual obedecendo aos seus critérios –, salvo a possibilidade de modos e culturas particulares de circulação das mulheres nos espaços públicos. Como exemplo de fato mais próximo ao período aqui analisado, em relação à participação sócio-política feminina efetiva, acontece na França, “nas revoluções, incluindo as de 1789, 1830, 1848, 1871. Elas eram numerosas entre a multidão que tomou a Bastilha de assalto em 1789(...)” e também nas revoluções seguintes (CARVALHO, 2006, p. 89).



certa medida incentivada, conforme deveria haver mulheres para atendimento às várias necessidades masculinas.

Dessa forma, no jogo de poder entre os gêneros, havia uma tentativa de neutralizar a força feminina através da conformação dela à força masculina. Nas configurações menores, como nos núcleos familiares privados – que não são abordados nesta pesquisa, mas que hipoteticamente podem também ser relacionados – as forças até podiam já se organizar de modos menos antagônicos, mas de qualquer forma a submissão feminina devia prevalecer, na medida em que eram menos escolarizadas que os homens e até mesmo, nas camadas mais abastadas, não deveriam ter produtividade econômica o que, na esfera burguesa, era associado à imoralidade e uma vergonha para um homem. Ter uma mulher em trabalho remunerado era inaceitável.

Nas análises realizadas, leva-se em conta que todos os corpos são dotados de poder, mesmo que de forma não democrática. E assim, na medida em que o século XX propõe uma dinâmica mais acelerada, as mulheres procuraram uma nova relação com o mundo, propiciada pelos centros urbanos crescentes, escolarização mais difundida e deslocamento das concepções humanas e sociais provocadas pela Primeira Guerra.

Uma significativa alteração para o feminino pode ser associada ao trabalho e à guerra: ao longo do recorte, o comprimento dos vestidos e saias encurtaram, pois chamadas a assumir postos de trabalhos ocupados prioritariamente por homens, que naquele momento estavam a serviço da guerra, precisavam de mobilidade. Mudança ocorrida nos países em guerra, mas com repercussão no Brasil, ao que mostra a *Careta*. Quem sabe desencadeadora de outras, essa permissão pode ter relação com novas permissões para a apresentação das mulheres em circulação pelos centros urbanos, oriunda de uma concessão da moda atrelada a outras demandas sociais.

Assim, pode ser considerada a dimensão das experiências humanas em concordância à elaboração e equilíbrio no nível das relações corporais. O movimento do corpo, a abrangência que ele pode alcançar – e a que ele está autorizado a atingir – pode ser considerado definitivo na tomada dos lugares nos jogos de força entre os gêneros.



O que se considera de maior importância, tanto pela área de estudos que integra, quanto pelo teor social que impõe, é a determinação de que a educação favorece a vida, e no aspecto feminino, incorporada à resistência, pode-se dizer responsável pela tomada de um lugar social que deveria desde sempre, pressupor uma igualdade de condições para atuação. Se não o foi naquele recorte temporal, é porque fazia parte dos jogos de força que tentavam limitar e desfavorecer as mulheres, sem, no entanto, impedir a possibilidade de vir a ser. Percebe-se então que muitas mudanças reivindicadas desde aquele período ainda hoje fazem parte da agenda das discussões das mulheres.

Fontes

CARETA, Rio de Janeiro, 18/03/1911.

CARETA, Rio de Janeiro, 1914 a 1918.

Referências

BELTRAO, Kaizo Iwakami; ALVES, Jose Esutaquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Delineando Corpos: As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo, 1890-1930)**. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Orgs.). **Corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 107-127.

PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. **Corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 13-28.

SEVCENKO, Nicolau. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio**. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 513-619.



SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano.** In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 1997, p. 362-400.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: A moda no século dezenove.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Reformas do corpo na escola.** In: FARIA FILHO, Luciano M.; NASCIMENTO, Cecília Vieira do; SANTOS, Marileide Lopes dos (Orgs.). *Reformas Educacionais no Brasil.* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010, p. 81-129.

Recebido em 16 de Março de 2016.

Aprovado em 24 de Junho de 2016.